



TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA NO TERREIRO XAMBÁ: O RESGATE DE UMA HERANÇA

Jéssica Silvestre de Lira Oliveira¹
Zuleica Dantas Pereira Campos²

RESUMO

O presente estudo propôs, através de uma investigação bibliográfica, observação de eventos e entrevistas analisar a importância atribuída à textualidade, oralidade e imagem no processo de aprendizado, neste caso, especificamente do Terreiro Santa Bárbara ou Ilê Axé Oyá Meguê. Após o conhecimento da História da Nação Xambá, partimos para o estudo da identidade étnico-religiosa através da grande matriarca do Terreiro que foi: Severina Paraíso da Silva ou Mãe Biu, por isso a Casa Xambá, ficou muito tempo conhecida, como Xangô de Mãe Biu. Observamos que, devido a essas configurações, no meio acadêmico, muitos autores acreditavam na extinção da Tradição Xambá, pois nem o próprio grupo se reconhecia desse modo. Este conceito de Nação ou Culto Xambá foi uma forma de reestruturação e de reidentificação após a perda da sua grande líder. Com o falecimento de Mãe Biu, as obrigações são passadas para o seu filho, Pai Ivo. E através da nova hierarquia, a comunidade Xambá colecionou uma série de conquistas, entre elas: o Memorial Severina Paraíso da Silva também conhecido como Memorial do Xambá: O Resgate de uma Herança, grande mantenedor da Cultura Xambá e primeiro museu afro de Pernambuco. Dessa forma, analisamos a importância do Museu como forma de valorização da cultura, com um vasto acervo de fotos, mapas, roupas, entre outros elementos que pertenceram a Yalorixá que emprestou o nome ao memorial. Posteriormente, o Terreiro torna-se Ponto de Cultura e recebe o título de Quilombo Urbano; e a escrita e imagem agora se inserem a História Oral do Terreiro, mostrando até que ponto a tradição e resistência foram responsáveis pelo resgate da sua herança.

Palavras-chave: religiões afro-brasileiras, cultura, preservação, Mãe Biu.

ABSTRACT

This study proposed by a research literature, observation of events and interviews analyze the importance attached to textuality, orality and image in the learning process, this case, specifically the Yard Santa Barbara or Ile Axé Oyá Meguê. After knowing the history of the

¹ Estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco, PIBIC UNICAP pela mesma instituição de ensino (2009-2010), trabalhando com o plano de trabalho: Religiosidade Popular e Poder no Nordeste Oriental do Brasil: Tradição e Resistência; E-mail: jessicasilvestre07@gmail.com

² Professora adjunto 4 do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Católica de Pernambuco; E-mail: Zuleica@unicap.br



Nation Xamba, we left for the study of ethno- through the great religious matriarch who was: Severina Paraíso da Silva or Mother Biu, so Xamba House, was long known as the Xango Mother Biu. We note that due to these settings, on academia, many authors believed in the extinction of Xamba tradition, because neither the group was recognized this way. This concept of nation or the Cult was a Xamba form of restructuring and re-identification after loss of their great leader. With the death of Mother Biu, the obligations are passed to his son, Father Ivo. And through the new hierarchy, the community collected Xamba a series of achievements, including: the Memorial Severina Paraíso da Silva also known as Memorial Xamba: Rescue of an inheritance, great maintainer of Culture Xamba and first african museum of Pernambuco. Thus, analyzed the importance of the Museum as a way of appreciation of culture, with a vast collection of photos, maps, clothes and other items that belonged to Yalorixa that lent its name to the memorial. Later, the public square becomes point and Culture given the title of Quilombo Urbano, and writing and image now fall within the Oral History of the Yard, showing to what extent the tradition and strength were responsible exchange for his inheritance.

Keywords: african-Brazilian religions, culture, preservation, Mother Biu

A Tradição Xambá, é uma forma de religiosidade afro-brasileira que foi importada para o Recife no início do século XX (entre as décadas de 1910-1920). Sendo assim, sua tradição em terras pernambucanas teve que ser reinventada de outra forma.

O terreiro atualmente se localiza na Rua Severina Paraíso da Silva, 65 no bairro de São Benedito, denominado Portão do Gelo, em Olinda – PE. A Sociedade Africana Santa Bárbara de Nação Xambá, também é conhecida como Terreiro de Xambá ou Ilê Axé Oyá Meguê.

A história do terreiro durante muito tempo foi repassada pela oralidade (observa-se então uma tradição), a originalidade das suas vestimentas, cultos, foram passados de geração para as gerações futuras, ou seja, as práticas trazidas pelos seus ancestrais africanos.

Segundo Beatriz Dantas (1988 *apud* GUERRA, 2008:6) em seu livro *Vovó Nagô e Papai Branco*, a oralidade faz com que sejam feitos recortes, em que parte da história é propositalmente esquecida e outra é demasiadamente acionada, de acordo com os interesses do grupo.

Sabendo deste fato e do seu possível esquecimento e mudanças, essa história para ter sua continuidade teria que ser registrada, adquirindo uma importância escrita e visual, isto aconteceu no ano de 2000, marcando uma mudança na história do povo Xambá. Principalmente, quando Hildo Leal da Rosa cria a Cartilha Xambá, este período não só foi



marcado por esta soma de tradições, no caso, a oral e escrita, mas foi um ano de muitas comemorações.

O ano 2000 foi marcante para a Nação Xambá, que comemorou o centenário de nascimento da fundadora do Terreiro Xambá, Maria das Dores da Silva (Maria Oyá), no dia 25 de julho; os setenta anos da inauguração da casa de Oyá, em 7 de junho; e os 50 anos da reabertura do terreiro, no comando de Mãe Biu, dia 16 de junho (ALVES, 2007:28).

O Culto Xambá foi trazido de Alagoas para Pernambuco pelo Babalorixá Artur Rosendo³ Pereira, por volta de 1932, se instalando no bairro de Água Fria, na Rua da Regeneração, nº1045. Lá funda o Terreiro Seita Africana São João (GUERRA, 2010). De acordo com Alves (2007), o culto do Xambá não chegou ao Brasil pelas mãos de Artur Rosendo. Ele levou o culto para Pernambuco no período da repressão aos terreiros em Maceió. Se bem que, em suas pesquisas realizadas no estado de Alagoas, com a ajuda do historiador e babalorixá, Célio Rodrigues, em nada a autora conseguiu acrescentar a história já sedimentada em Pernambuco desde o início do século XX.

O culto Xambá é muito antigo. Muito antes de Artur Rosendo existiam babalorixás e yalorixás muito mais velhos que ele, como Tia Marcelina, que faleceu em 1912, com aproximadamente 80 anos, e a casa dela era Xambá. Chico Foguinho, o pessoal de rama de Oyá Gadê. Artur Rosendo saiu de Alagoas por volta de 1912, ele devia ter uns 30 anos ou 40. o que nos leva a compreender que no estado alagoano existiam pessoas, mais velhas do que ele, que já faziam prática do culto Xambá. (RODRIGUES apud ALVES, 2007: 84).

Analisando o contexto histórico do *Ilê Axé Oyá Meguê* ou Terreiro Santa Bárbara – Xambá (como é mais conhecido). Após a chegada de Artur Rosendo no Recife, Maria das Dores da Silva (Maria Oyá) é iniciada, em 1927, inaugurando sua casa no bairro de Campo Grande, em 1930. Uma repressão policial do Estado Novo fecha a sua casa em 1938, fazendo com que a Grande Mãe entrasse em depressão e morresse no ano seguinte.

E como ficou a situação do terreiro em Campo Grande? A casa Xambá passa aos cuidados de Severina Paraíso da Silva (Mãe Biu), causando muitas insatisfações, em alguns grupos da casa, durante os anos em que ficaram separados.

³ Iniciado por Mestre Inácio (não se sabe o ano ao certo), chegou a Pernambuco aproximadamente na década de 20.



Assume o comando da Casa e nesse ínterim muitos filhos e filhas de santo se afastam insatisfeitos com a escolha da nova líder. Severina Paraíso recebia naquele momento a responsabilidade de manter o terreiro funcionando e o reabre, em 1950, na estrada do Cumbe, 1012, bairro de Santa Clara, no Recife. Ao lado de Mãe Tila, mãe pequena da Xambá, Mãe Biu, durante os 12 anos de “diáspora” sofrida pelo povo Xambá, deu início ao processo de consolidação do terreiro. (ALVES, 2007: 52- 53).

Mãe Biu, foi a grande matriarca da Nação Xambá, ajudando a comunidade em que vive e atuando financeiramente. Segundo Lima (2003 *apud* COSTA, 2007:3) “a família-de-santo, em suas formas de estruturação e organização, enquanto grupo religioso liderado pela mãe ou pai-de-santo, ajuda seus filhos-de-santo, parentes e agregados também financeiramente, dando-lhes abrigo”.

Desta forma, voltando para a formação do terreiro e a sua manutenção com Mãe Biu, após a morte de Artur Rosendo, podemos notar que a mudança no endereço foi necessária, pois se mesclava o interesse por uma localidade própria, que abrangesse todos ou pelo menos boa parte dos integrantes do terreiro. A partir desse momento de mudança de espaço físico, é possível o primeiro contato com a resposta a qual esta pesquisa pretende responder: a relação entre a tradição Xambá e o seu possível uso da escrita e imagem.

O Terreiro Santa Bárbara – Xambá, ao reabrir suas portas, após 12 anos, fechadas pela repressão policial na interventoria de Agamenon Magalhães, utilizou-se das tecnologias que chegavam com a modernização, como a máquina fotográfica que estava se popularizando na época. Com, ela registrou a celebração da conquista da nova sede, em endereço novo (COSTA, 2009:64 *apud* GUERRA, 2010:53).

Com o falecimento de Mãe Biu, as obrigações de Yalorixá são passadas para Mãe Tila⁴, ao lado do Babalorixá da casa Pai Ivo⁵, o filho de Mãe Biu, os mesmos continuaram preservando as tradições religiosas, porém com alguns costumes foram modificados. Segundo Guitinho (ALVES, 2007:78) muitos costumes dentro dos Terreiros, assim como em qualquer outra religião, são implantados pelas pessoas que comandam (Yalorixás e Babalorixás), geralmente esses costumes, correspondem ao que convém a essas pessoas. A hierarquia atual da casa apresenta Tia Lourdes⁶, sendo a quarta Yalorixá, juntamente com Pai Ivo.

⁴ Donatila Paraíso da Silva faleceu no ano de 2003. Foi iniciada em 1932 e tornou-se a dirigente do Terreiro, com a Morte de Mãe Biu, sua irmã de sangue.

⁵ Adeildo Paraíso da Silva (Ivo de Xambá).

⁶ Maria de Lourdes da Silva, irmã de Mãe Biu e Mãe Tila.



O Terreiro Santa Bárbara, antes da morte de Severina Paraíso da Silva, a grande matriarca do Culto Xambá, era conhecido como Xangô de Mãe Biu, tanto pela comunidade quanto pelos frequentadores e visitantes do terreiro. Portanto denominá-lo ou (re) descrevê-lo como Nação e/ou Culto Xambá é recente e também uma forma de reestruturação e reafirmação⁷.

Concordamos com Burker quando afirma que:

Esta situação pode ser comparada àquela dos escravos africanos [...] que às vezes aparentemente se adequavam ao cristianismo, principalmente as primeiras gerações de escravos, ao mesmo tempo que mantinham suas crenças tradicionais. A “tradução” de Ogum, Xangô ou Iemanjá, para seus equivalentes católicos [...] permitiu aos cultos africanos sobreviverem disfarçados entre os escravos no Novo Mundo. A invocação a Santa Bárbara pode ter sido “para inglês ver”. No entanto o que começou como um mecanismo consciente de defesa se desenvolveu com o passar dos séculos e se transformou em uma religião híbrida. (BURKER, 2008, p. 67-8).

Sobre este processo, podemos analisar que as religiões afro-brasileiras ainda sofrem uma forte influência de outras religiões, principalmente do Catolicismo. Segundo Alves (2007) o sincretismo religioso ainda é tão forte que mesmo com a liberdade de crenças, assegurada pela constituição de 1946, a maioria dos Terreiros ainda mantém imagens de santos católicos em suas dependências.

Observa-se também que, devido a essas configurações, muitos autores (Prandi, 1991; Cacciatore, 1977) acreditavam na extinção da Tradição Xambá, pois nem o próprio grupo se reconhecia como tal.

Culto em extinção, mesclado de elementos bantos (muxicongos) e indígenas, tendo atualmente poucos terreiros no Nordeste (principalmente na Paraíba, Pernambuco e Alagoas). Tribo da fronteira da Nigéria com Camerum (Cacciatore, 1977:263 *apud* Guerra, 2010:64).

Desta forma, ao contrário do que (Prandi, 1991; Cacciatore, 1977) acreditavam, a comunidade vem demonstrando, através de projetos que busquem uma maior visibilidade cultural, grande preocupação com a sua preservação, e memorização da matriarca, Severina Paraíso da Silva.

⁷ Caracteriza-se como uma consciência afro-brasileira, recente e a vontade de voltar as raízes dos seus ancestrais.



Segundo Costa (2009), a tentativa de Hildo Leal da Rosa e João Monteiro de recriar uma "identidade", tornou possível uma identificação étnica e religiosa próxima as características africanas. O entrave foi justamente o meio acadêmico, as palavras de Cacciatore, fez pesar a estima dos dois no terreiro, a mudança inicial seria na entrada do Memorial, em que seria colocada uma placa elaborada pelo próprio Hildo Leal com os dizeres: Sociedade Santa Bárbara, até o Babalorixá da casa perguntar a razão de não ser inserido *Ilê Axé Oyá Meguê*, pouco tempo depois ele viu a inserção desta placa em Iorubá, aos poucos as mudanças foram ocorrendo. Ainda segundo Costa (2009) em relação a João Monteiro, sua fala propõe que se desfazendo dos laços com o catolicismo, aos poucos, seria construída uma identificação cultural e religiosa mais próxima a realidade africana na comunidade.

Segundo Luiz Barroca da Silva na sua Dissertação "*Santo não é orixá*": *um estudo do discurso anti-sincretismo em integrantes de religiões de matriz africana* através das entrevistas realizadas, o mesmo chega a conclusão que os discursos revelam, em alguns casos que não é o sincretismo mas, com qual sistema religioso se faz o sincretismo. Na maioria dos casos a religião católica é vista como uma espécie de destruidora da fé dos afro descendentes.

O que pretendemos mostrar aqui é: redescobrir a sua origem, surgiu à vontade do Povo Xambá de mostrar a sua cultura e não extinção da mesma, durante 9 anos (1993-2002), após a morte de Severina Paraíso da Silva, os participantes ativos do Terreiro foram atrás de ajuda financeira em órgãos de fomento⁸. Como não conseguiram, em 2002, construíram o Memorial Severina Paraíso da Silva com recursos próprios. Isto mostra a união e força de vontade em disseminar a sua cultura. Segundo Hildo Leal da Rosa, em entrevista a Campos (2010), com a sucessão de Mãe Biu e a criação do Memorial a Nação Xambá passa a aparecer com um maior destaque na mídia.

Em entrevista concedida a Campos (2010), Pai Ivo Babalorixá da casa afirma:

A partir do momento... uma vez Hildo Leal, que é meu historiador, aí pergunto a mim: 'meu Pai por que você não se junta com eu, João Monteiro e Antônio Albino pra construir o Memorial?' Eu gosto muito de filme de ficção, quando eu vejo aquele filme 'os caçadores da Arca Perdida', com o Indiana Jones, com a cena daquele Arqueólogo Francês quando ele bate na Arca e diz: 'Nós passamos pela História, aqui é a História' e a gente pega aqui e diz: 'as pessoas quando vêm para o Candomblé, elas vêm só pra ver a questão religiosa'. É o tipo da coisa, você é obrigado a respeitar a minha

⁸ Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

religião, mas não acreditar, então a partir do momento, que você cria o Memorial, você sai da questão religiosa e entra na questão histórica. Então você vai atrair pesquisadores, Antropólogos, Sociólogos e pessoas do povo, mesmo independente da cor, do ato religioso ou não. Então, a visão de quando fazer o Memorial, ele deu as pessoas a questão da história das mulheres, vivemos num período hoje, que existe uma grande questão de preconceito contra as mulheres, mesmo com a lei Maria da Penha, temos intermináveis casos de violência contra a mulher. Se você analisar, que há mais de 50 anos atrás, as mulheres negras conseguiram criar um patrimônio, que nós "tamo" levando para a frente, eu acho que é, uma atitude importante a gente colocar um Memorial e mostrar pra sociedade (Adeildo P. da Silva, 2010).

Durante a entrevista, que foi analisada para a pesquisa, o Babalorixá, Pai Ivo, demonstra orgulho da criação do Memorial, em homenagem a sua mãe, mostrando a importância das lideranças femininas para a contribuição da história do Terreiro.

O entusiasmo aumenta, quando o Babalorixá é questionado sobre a importância de o Terreiro ter se tornado um Ponto de Cultura no ano de 2004 e explica que o Terreiro conseguiu se tornar um Ponto de Cultura, pois se preocupa com as questões sociais. Ao ser realizado qualquer projeto social a pessoa que está se beneficiando não é questionada a respeito da sua religião, ou seja, busca-se apenas o bem-estar social e não a conversão em massa da comunidade, muitas pessoas que moram próximo ao terreiro, pertencem à outra religião. Neste momento, Pai Ivo, afirma que a religião mais plausível é a pertencente à matriz africana e cita a Reforma Protestante e a Contra Reforma, como maneira de mostrar um fundamento teórico para a sua expressão.

Para o Terreiro Santa Bárbara, chegar a ser um Ponto de Cultura foi necessário se inscrever no processo seletivo realizado Pelo MinC – Ministério da Cultura .O projeto teve apoio do Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano e ao ser selecionado, ganhou uma quantia de R\$ 185.000, 00, garantindo a manutenção do Memorial, como também digitalização e capacitação de jovens para os cuidados do acervo(GUERRA, 2010:69).

Porém em entrevista a Campos (2010) Hildo Leal explica que a questão do Ponto de Cultura vai, além disso, podendo ser dividido em dois capítulos.

Olhe, ponto de cultura tem dois capítulos diferentes. Quando o governo federal, através da Fundação Cultural Palmares, lança essa, esse programa dos pontos de cultura a gente concorre ao primeiro edital. Na época, é, a gente não estava preparado para gerir, administrar um ponto de cultura, porque tem questões financeiras também envolvidas. Então, nós fomos o alvo do ponto de cultura, ou seja, o ponto de cultura era o memorial, mas a administração desse ponto era de uma outra entidade. E a meio do caminho essa entidade ou algumas pessoas dessa instituição que dirigia o ponto de cultura cometeu alguns, como é que eu diria, não, vou resumir, des, fez um desfalque nessa verba que ia pro ponto de cultura e a coisa terminou



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

afundando. O ponto de cultura deixou de existir, deixou de funcionar (Hildo Leal, 2010).

Segundo Guerra (2010), após uma "briga" especialmente entre os Pontos de Cultura de Olinda, muitos deles começaram a questionar a legitimidade dos projetos. Uma reunião foi feita no Portão do Gelo e dessa maneira no ano de 2008, o Grupo Bongar representante do Ponto de Cultura Mãe Biu, passou a liderar a Rede dos Pontos de Cultura da cidade de Olinda/PE. Nada mais justo, já que o Grupo Bongar além do Coco divulga ainda o Maracatu e Ciranda, devido as influências musicais das Religiões Afro-brasileiras e da diversidade nos toques religiosos da Nação Xambá.

Nota-se que o Terreiro Santa Bárbara pode ter deixado de ser considerado um Ponto de Cultura, porém do mesmo jeito ainda continua sendo, já que o Grupo Bongar é o seu maior divulgador lá e atualmente é representante dos pontos de cultura.

Após Ponto de Cultura o Terreiro Santa Bárbara recebe uma surpresa, no ano de 2006 é reconhecido como Quilombo Urbano. Segundo Hildo Leal da Rosa (CAMPOS, 2010) houve uma série de críticas a respeito da concessão deste título, as pessoas se perguntaram, o motivo do Sítio do Pai Adão não ter sido contemplado, já que é muito mais antigo e muito mais tradicional. Porém, o mesmo explica que uma pessoa da Fundação Cultural Palmares, Bernardete Lopes, conhecedora da Casa Xambá e Pai Ivo decidiram fazer algo por Pernambuco. Ainda em entrevista, Hildo Leal, explica que para o Terreiro Santa Bárbara ser reconhecido como Quilombo Urbano a comunidade teve que se reconhecer como tal.

Primeiro, a comunidade tem que se reconhecer como tal. Então, a gente conta, faz um resumo da nossa história e nos reconhecemos dentro desse padrão. É claro que a gente sabe que o quilombo clássico é aquele que foi formado na época da escravidão, fuga de escravos. Não é o nosso caso. Como também não é caso do Rio de Janeiro nem do Rio Grande do Sul. Porque hoje a Fundação Cultural Palmares e o Ministério da Cultura vê o quilombo de uma forma mais ampla... (Hildo Leal, 2010).

Dessa maneira, o Terreiro Santa Barba-Xambá agora Ilê Axé Oyá Meguê, possui ainda uma forte presença do sincretismo acrescentado a um intenso processo de hibridização. Aqui é necessário deixar claro a diferença entre os dois conceitos. Sincretismo é um conceito menos abrangente, uma vez que envolve misturas de religião. Hibridização, de acordo com Canclini (2000) envolve processos socioculturais que vão além da religião. "...procesos socioculturales em los que estructuras o prácticas discretas, que existían em forma separada, se combinan para generar nuevas estructuras, objetos y prácticas". (CANCLINI, 2000:8).



A reafricanização está ocorrendo e o ano de 2000 foi marcante para esse processo, com a criação da Cartilha Xambá e posteriormente o Memorial Severina Paraíso da Silva, com um vasto acervo de fotos, mapas, roupas, entre outros elementos que pertenceram a Yalorixá que emprestou o nome ao Memorial.

Sendo assim, a importância atribuída foi tanta que o Terreiro virou Ponto de Cultura e posteriormente tornou-se Quilombo Urbano e a escrita e imagem, agora se inserem a História Oral do Terreiro. O mesmo possui uma equipe de informática para divulgação dos eventos liderada por Paulinho de Oxum, sem falar o seu maior legitimador através da música, o Grupo Bongar. Além de um WEBSITE, duas comunidades do ORKUT, sobre o Grupo Bongar e um perfil no micro-blog TWITTER. Nota-se então que a netnografia⁹ é um campo de pesquisa necessário para o entendimento da Nação Xambá e uma forma de entender que a tradição e modernidade podem andar juntas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marileide. **Nação Xambá: do terreiro aos palcos**. Olinda: Ed. Do Autor, 2007.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**: Com a indicação da origem das palavras. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro (com a colaboração dos alunos do PPGA da UFPE). **Os Desafios de Xambá, um terreiro que “virou” quilombo**: sincretismo e africanidade em análise. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 34 – GT “Religião e Sociedade” da ANPOCS, 2008.

COSTA, Valéria Gomes da. **Nação Xambá: memória, configuração familiar e territorialização de espaços**. Caminhos (UCG), v. 5, p. 53-80, 2007.

COSTA, Valéria Gomes da. **É do dendê!**: História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950-1992). São Paulo: Annablume, 2009.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREYRE, Gilberto. 1946. *Casa grande & senzala*. 6a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

⁹ Campo de pesquisa que utiliza a internet como fonte.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

GUERRA, Lúcia Helena Barbosa . "**Deixe longe o mal olhado. O meu Coco é muito bom, digno de ser invejado**". In: ENECULT - V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009, Salvador. V ENECULT - Quinto encontro de estudos multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2009.

GUERRA, Lúcia Helena Barbosa. **Xangô Rezado Baixo, Xambá Tocando Alto: A reprodução da tradição religiosa através da música.** 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia: um estudo das relações intra-grupais.** 2. ed. Salvador: Corrupio, 2003.

LODY, Raul Giovanni Da Motta. **Candomblé: Religião e resistência cultural.** 1. ed. São Paulo: Ática, 1987.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova.** São Paulo, Hucitec, 1991.

SILVA, Luiz Claudio Barroca da. "**SANTO NÃO É ORIXÁ**": um estudo do discurso anti-sincretismo em integrantes de religiões de matriz africana. 2010. 158f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

Terreiro de Santa Bárbara – Xambá. Disponível em:
<<http://www.xamba.com.br/>> Acesso em: 22 de setembro de 2009.

Depoimentos Orais:

ROSA, Hildo Leal da. Entrevistado por Zuleica Dantas Pereira Campos, em 26-01-2010.

SILVA, Adeildo Paraíso da. Entrevistado por Zuleica Dantas Pereira Campos, em 24-01-2010.